



reportagem  
cultural

Com trajetória  
multifacetada, o pintor,  
ilustrador e professor  
Joaquim da Fonseca se  
mantém ativo aos 90 anos

## O mestre gaúcho da aquarela

Marcello Campos, especial para o JC

Técnica milenar de origem atribuída aos chineses (sempre eles), a aquarela costuma ter por base a aglutinação de pigmentos minerais, vegetais ou sintéticos a uma resina de goma arábica. O pincel é embebido em água e usado para diluir, depois aplicar o material sobre uma superfície em tecido ou papel de alta espessura (seco ou umedecido), resultando na criação de imagens cujos contornos imprecisos das manchas de cor definem um dos mais inconfundíveis estilos de pintura. Pode parecer simples, mas exige olhar sensível, mão firme e um imenso talento, sobretudo na representação figurativa de retratos, paisagens ou naturezas-mortas – um vaso de flores, por exemplo.

A história da arte no Rio Grande do Sul coleciona nomes de referência na modalidade. José

Lutzenberger. Carlos Mancuso. Nelson Boeira Fiedrich. João Mottini. Nenhum deles, talvez, tão diretamente identificado quanto Joaquim da Fonseca, em plena atividade aos quase 91 anos (a se completarem em fevereiro) e com uma carreira multifacetada. Produtor gráfico. Chefe de redação. Ilustrador. Diagramador. Publicitário. Designer. Escritor. Professor universitário. Artista plástico. Na origem está o guri nascido em Alegrete, quinto dos oito filhos de uma dona de casa e de um funcionário público transferido para Santa Maria e, por fim, Porto Alegre.

“Minha mãe era talentosa no desenho acadêmico e, mesmo sem ter visto ela em ação com lápis e papel, alguns trabalhos guardados me entusiasmaram a continuar rabiscando”, relembra. “A gente vivia na Capital desde 1948, quando eu tinha 13 anos, e meu divertimento preferido nos tempos de Julinho

era o cinema. Os jipes, tanques e aviões que eu via nos filmes de guerra, reproduzia em papel quando chegava em casa, na Vila do Iapetec e depois na Azenha. No final da adolescência, escapei do serviço militar e fui aprovado no Instituto de Belas Artes, em uma época de professores como Aldo Locatelli, João Fahrion, Alice Soares, Ado Malagoli, Fernando Corona e Angelo Guido”, enumera.

Antes de obter o diploma, aceitou convite para substituir na icônica Revista do Globo um ex-colega de escola que estava deixando o time de ilustradores. Suas habilidades extrapolavam a mera questão visual: percebendo que o rapazinho logo passara a dominar todo o processo de feitura de uma das mais respeitadas publicações culturais do País, em novembro de 1956 os irmãos Bertaso – donos da empresa – o encarregaram do setor de Pla-

nejamento Gráfico. A competência demonstrada resultou na promoção, 10 meses depois, à Chefia de Redação, algo impensável para um jovem que ainda nem somava 23 anos: “Eu sequer tinha experiência de vida para tamanha responsabilidade, mas dei conta do recado.”

Parceiro de profissionais do gabarito de Célia Ribeiro, José Zukauskas, Lineu Martins, Tereza Brochado da Rocha Garbim, Antônio Ronek, Irene Mayer, Leo Guerreiro, Antônio Goulart e colaboradores como o escritor Erico Verissimo, Joaquim permaneceu no cargo de setembro de 1957 a dezembro de 1960, eventualmente contribuindo também com ilustrações. “Saí da revista porque a empresa tinha uma regra interna de não manter o empregado mais de 10 anos, devido a questões trabalhistas”, conta. “Fiquei algum tempo parado, até ir para o recém-fundado jornal Última

Hora, como diagramador, algo também novo na imprensa gaúcha.”

O periódico só durou até 1964. Antes, um amigo da MPM Propaganda avisou que a agência precisava de desenhistas, pois a qualidade técnica dos jornais ainda era péssima na reprodução de fotografias, exigindo que vários anúncios dependessem de imagens ilustradas. Da prancheta a serviço dos mais variados clientes de médio e grande porte, durante mais de uma década, o balanço é positivo, mas com uma ressalva. “Não me agradava muito trabalhar nessa área, porque naquele tempo a publicidade ainda era meio mal vista e muita vezes levava a culpa de tudo”, explica. O capítulo seguinte seria um caminho naturalmente seguido por outros contemporâneos: a atividade docente.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

## Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Rito de passagem

O espetáculo *Azira'í*, apresentado recentemente na cidade, é um acontecimento histórico e cultural que vai muito além do fato (nem tão simples assim) de ser um espetáculo teatral. São tantos os aspectos envolvidos na concretização deste projeto que fica até difícil a gente tentar trazer todos eles à discussão. Mas vamos tentar.

O leitor imagine um índio na floresta, absolutamente analfabeto (em termos da cultura branca), com sua cultura em choque com o contexto e o risco de desaparecimento. Para sobreviver, esta comunidade precisa aproximar-se de quem a está destruindo. 'Aprender' com ela, aqueles seus termos (dela) porque é neste campo (do outro) que precisa lutar se quiser (tentar) sobreviver.

Eu já tive a oportunidade extraordinária de acompanhar algo assim. Em 1972, publiquei o livro *O gravador do Juruna* (obrigado, sempre, editor Roque Jacobi), do índio xavante que, mais tarde, seria o primeiro deputado federal de comunidade nativa eleito no Brasil. Com ele viajei por universidades, visitei sua aldeia e tentei entender sua tragédia (é impossível). Nunca me sai da memória uma frase que dele ouvi, numa madrugada: "Antonio, não sou mais índio, mas também

não sou homem branco. O que eu sou?" O antropólogo Darcy Ribeiro, em seu último e extraordinário livro, transformado em série pelo GNT - *O povo brasileiro* (2006) - refere aos mestiços surgidos no período do Brasil Colonial como os 'ninguenidades', nem branco, nem índio; nem branco, nem negro; nem negro, nem índio etc. O Brasil é um país feito de 'ninguenidades', e devemos ter orgulho desta condição: ela nos faz diferentes e capazes de enriquecer a espécie humana e a civilização dos homens.

*Azira'í* é uma peça de teatro - um musical de memórias, como sua autora prefere dizer e está estampado na edição do texto da obra (Cobogó, 2024). Imagine - volto ao começo - imagine um índio, pior, uma índia, que resolve construir esta epopeia: ela entra no mundo dos brancos, aprende suas regras e, autodidata, se torna uma atriz que chega a ser ovacionada por algumas das maiores plateias da França...

*Azira'í* é um esforço extraordinário de busca de comunicação, de diálogo, da índia - atriz, dramaturga, bailarina, artista plástica - Zah'y Tentehar, com a participação do diretor Duda Rios. É de ambos a dramaturgia do espetáculo, um trabalho que é uma quebra de convenção sob todos os aspectos. Imagine a gente ficar ouvindo uma índia falar sobre si mesma, sua mãe e sua cultura, durante hora e meia (!) - e a gente se interessar, e se emocionar, e ao final, querer mais...

Mais que isso: logo na abertura do espetáculo, a atriz se expressa em sua língua nativa durante cerca de dez minutos, sem parar. Não se entende nada, mas... Depois de um tempo, a gente se dá conta que está entendendo, mesmo que não entenda. Porque o que Zah'y Tentehar alcança é estabelecer com o público uma ponte emocional, sensorial, que nos prende e nos envolve. No início, deve ser muito difícil para ela: a plateia está fria, distante, braços cruzados... Mas ela vai

insistindo, melifluamente, e quando menos se nota, estamos absolutamente dependentes de sua fala e de sua figura, que perde a distância e se aproxima de nós, como se a gente estivesse naquela roda que os índios fazem à noite, em volta da fogueira, para comentar os acontecimentos do dia.

O espetáculo, muito palavra, mas também muito elemento cênico, com a cenografia de Mariana Villas-Bôas, figurinos de Carol Lobato, iluminação de Ana Luzia Molinari de Simoni, trilha musical extraordinária de Elisio Freitas, com canções originais de Duda Rios, Elisio Freitas, Marcelo Caldi e da própria Zah'y Tentehar, é absolutamente inesquecível. A foto dramática e tocante da mãe da atriz, a partir da qual, em torno da qual, e em homenagem da qual todo o trabalho é desenvolvido, a primeira pajé mulher da tribo, *Azira'í*, que dá nome à encenação e que aparece ao final (imagem de Léo Aversa), é algo inesquecível.

O preconceito que ainda muitos temos em relação a estes temas fez com que o teatro não lotasse. Lamentável para quem não foi. Perdeu uma experiência de humanização e de civilização irrepetível. Para quem foi, sem dúvida, foi um ritual de passagem definitivo.

Nunca me sai da memória aquela frase: "Antonio, não sou mais índio, mas também não sou homem branco. O que eu sou?"



Hélio Nascimento

## Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## A grande ameaça

Kathryn Binglew, a diretora de *Casa de dinamite*, domina amplamente todos os meios de expressão do cinema. Duplamente vencedora do Oscar, melhor filme e melhor direção, em 2010, por *A hora mais escura*, sobre a caçada a Osama bin Laden, ela é interessada em temas como o terrorismo e o papel vivido por seu país no cenário internacional. Seu cinema, além do compromisso de estar sintonizado com temas que fazem parte da atualidade, tem o objetivo de colocar o espectador diante de acontecimentos cujo conhecimento é obrigatório para que o painel atual seja contemplado em sua totalidade. Seu filme mais recente se difere, em termos realistas, de tal tendência, mas não representa qualquer tipo de contradição, na medida em que, partindo de uma possibilidade, constrói uma ficção marcada pelo realismo, a ponto de seu filme se assemelhar, em muitas de suas passagens, a um documentário, focalizado em algo

tão indesejável quanto possível. Muito bem assessorada por técnicos e conhecedores de meandros relacionados com a segurança numa fase em que são várias as potências nucleares, a cineasta realizou um filme que prende a atenção do início ao fim, inclusive pela forma adotada para contar esta história que coloca personagens diante de uma situação aterrorizante, talvez a última enfrentada pela civilização.

No que se relaciona ao estilo de narrativa adotado, *Casa de dinamite* é original na medida em que o tempo real é ampliado pelo fato de os acontecimentos, decorridos em pouco tempo, serem vividos por personagens cuja ação é acompanhada em partes diferentes, com o drama, sempre o mesmo, vivido por vários personagens. Dessa forma o filme se afasta de obras como *A hora final*, de Stanley Kramer, dirigido em 1959, *Limite de segurança*, de Sidney Lumet, produzido em 1964, e *Doutor Fantástico*, de Stanley Kubrick, uma sátira tão brilhante como perturbadora realizada no mesmo ano, filmes que se assemelham pela escolha do tema. Além de concentrar a ação em poucos minutos, transformados em quase duas horas de projeção, a realizadora faz com que som e imagens só se completem

depois de todas as partes do filme sejam vistas em tempos diferentes, como se aos poucos, mas não em ordem cronológica, as tentativas de proteção possam ser integralmente acompanhadas, processo no qual a memória do espectador exerce papel decisivo. Mas não há dificuldade em acompanhar o que acontece, pois o que é acrescentado apenas aumenta a compreensão do que antes havia sido registrado. Os planos que mostram pessoas procurando abrigos reforçam a constatação de que não apenas estamos vendo técnicos tentando evitar o pior. E também a diretora não esquece os brinquedos, entre eles um dinossauro, uma referência a um filme de Spielberg, e também uma lembrança de que pesquisas diversas, na medida em que empreendidas por humanos, podem levar a desastres.

Exibido nos cinemas de várias cidades, o filme de Binglew, que tem entre seus produtores a Netflix, não está em Porto

Alegre em salas exibidoras. O fato, mais um a evidenciar o atraso atual do sistema exibidor local, evita que o filme seja apreciado de forma mais apropriada. Quanto maior o espaço e os meios de exibição de um filme, mais os interessados ganham possibilidades de ver o que

lhes interessa. Mas o que merece reparo é a diminuição de tais espaços, principalmente quanto a forma original, até hoje insuperável, é abandonada. A própria produtora citada admite tal fato, a ponto de adquirir cinemas e até mostrar interesse em adquirir o controle de empresas cinematográficas. Além disso, em outros centros, antes de lançar cópias para uso doméstico, providencia exibições em cinemas, de modo geral com grande sucesso. Os cinemas, é claro, já não possuem absoluto controle sobre a imagem em movimento, mas perderão ainda mais se não valorizarem a programação e não apresentarem condições exemplares de projeção. Eis outro perigo que está ameaçando o cinema, uma forma de arte-indústria que não poderá viver apenas de festivais e exibições especiais. A imagem reduzida não deverá ser o símbolo de um tempo, cumpre que o espaço maior seja um cenário de resistência. A ameaça não é apenas nuclear.

A diretora constrói uma ficção marcada pelo realismo, a ponto de se assemelhar, em muitas passagens, a um documentário

# fique ligado

## O plano mestre do heavy metal europeu

A banda alemã de heavy metal melódico Masterplan retorna ao Brasil com quatro apresentações confirmadas em Curitiba, São Paulo, Brasília e Porto Alegre. Na Capital, o grupo se apresenta no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834) neste domingo, às 21h30min. Formado no início dos anos 2000 pelo ex-guitarrista do Helloween, Roland Grapow, o grupo promete revisitar os clássicos de sua carreira com uma formação renovada, que inclui o baterista brasileiro Marcus Dotta.

A turnê traz um *setlist* que revisita clássicos como *Spirit Never Die*, *Heroes*, *Kind Hearted Light* e *Crimson Rider*, além de antecipar novidades do aguardado próximo álbum de estúdio. Os shows de abertura iniciam às 19h30min, com as bandas Tierramystica e Phornax. Ingressos a partir de R\$ 130,00 via Sympla.



Masterplan revisita canções de sua trajetória em apresentação neste domingo

O projeto **Confessionário: Relatos de Casa**, aclamado pelo público, estreia no Teatro da Pucrs



## Mosaico de realidades femininas

Baseado em histórias reais, o projeto *Confessionário: Relatos de Casa*, lançado em formato de *webserie* durante a pandemia de Covid-19, ganhou o mundo e alertou sobre a violência doméstica e de gênero no Brasil, mais especificamente no Sul do País. Agora ele estreia como uma peça teatral, com concepção, dramaturgia e direção de Deborah Finocchiaro.

A montagem leva ao palco Andréa Cavalheiro, Angelo Primon e Finocchiaro, que

conduzem os espectadores por inúmeras realidades femininas, desvelando o vasto mosaico de histórias que moldam a vida das mulheres que sofrem com a violência de gênero. A estreia em Porto Alegre é no sábado, às 18h, no Teatro da Pucrs (Ipiranga, 6.681). Às 20h30min haverá uma segunda sessão da peça, seguida de bate-papo com a equipe. A entrada é gratuita, mediante retirada de ingressos no Sympla e a doação de um pacote de absorvente higiênico no dia do evento.

## As pequenas grandes coisas de Vitor Kley

Vitor Kley volta a Porto Alegre neste sábado, às 21h, com a turnê que promove o seu trabalho de estúdio mais recente, numa apresentação no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). Além de executar as canções de *As Pequenas Grandes Coisas*, que chegou às plataformas de *streaming* em abril, o cantor e compositor também vai incluir no repertório os grandes hits que marcam a sua trajetória, como *O Sol*,

*Morena*, *Adrenalizou* e *Pupila*.

Com 11 faixas inéditas que trazem reflexões sobre os bons momentos e os desafios da vida, o álbum teve dois singles divulgados previamente, *De Novo* e *Que Seja de Alegria*, e mistura referências que vão de Jorge Drexler às trilhas sonoras da Disney. Pela primeira vez na sua carreira, é Kley quem assina a produção musical. Ingressos podem ser adquiridos por R\$ 90,00 via Sympla.

## A força coletiva do rap nacional

O 1Kilo, considerado um dos maiores fenômenos do rap nacional volta a Porto Alegre no sábado, às 23h, para um show no Bar Opinião (José do Patrocínio, 834). O grupo, que soma mais de 3 milhões de ouvintes mensais em plataformas de *streaming*, apresentará seus grandes *hits*, além de algumas

novidades da fase atual.

Unindo os MC's DoisP, Pelé MilFlows, Mozart MZ, Junior Lord e Caslu e os produtores Felipe Rasta e DJ Grego, o coletivo se tornou conhecido em todo o país em 2016, quando o single *Deixe-me Ir* viralizou na Internet. Lançado em maio, o EP *Modo Avião* é um

dos trabalhos mais recentes do grupo, conhecido pela energia contagiante em faixas como *Toda Linda* e *Era Pra Ser*. Além destes sucessos, *Duro Igual Concreto*, *De Love*, *Você Vai Entender* e *Sensação* também estarão no repertório. Ingressos via Sympla, a partir de R\$ 65,00.

## Agenda

- Banda Braza traz sua música brasileira contemporânea ao Opinião (José do Patrocínio), promovendo o álbum *Baile Cítrico Utrópico Solar*. Sábado, 21h, a partir de R\$ 90,00 no Sympla.
- Biblioteca Pública do Estado (Riachuelo, 1.190) celebra o mês da Consciência Negra em nova edição do BPE + Cultura. Sábado, a partir das 12h. Entrada franca.
- Centro Cultural da Ufrgs (Eng. Luiz Englert, 333) inaugura na sexta-feira, às 18h, a exposição coletiva *Transparência e opacidade II: fotografia na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo*. Livre.
- Sábado, às 15h, a Casa do Artista Riograndense (Anchieta, 280) recebe o teatro de bonecos *As Gineteadas do Valente Toninho Corre Mundo nas Estâncias de Cidão Dorneles*, do Grupo TIA. Livre.
- Teatro do Sesc (Alberto Bins, 665) recebe sábado, às 16h, es-

petáculo *O Urso com Música na Barriga*, homenagem aos 120 anos de Erico Veríssimo. A partir de R\$ 24,00, no site do Sesc/RS.

- Espaço 373 (Comendador Coruja, 373) recebe Liverpool Beatle Band, tributo aos Beatles. Sábado, às 21h. R\$ 45,00 no Tri.RS.
- Consagrada banda tributo ao Nirvana, Seattle Supersonics é atração no Opinião (José do Patrocínio, 834) na sexta-feira, 21h. R\$ 100,00, em 4º lote, via Sympla.
- Sábado, a cantora Iana Régia leva show *A Era de Ouro Afroglow* ao CHC Santa Casa (Independência, 75). R\$ 15,00 via Sympla.
- Pela 1ª vez em Porto Alegre, artista independente Giovanna Moraes canta faixas do álbum *Fama de Chata* no domingo, às 19h, no Teatro Túlio Piva (República, 575), R\$ 60,00 via Sympla.
- Ocre Galeria (Polônia, 495) recebe exposição *Quando o Corpo*

*Toca a Terra*, de Bea Balen Susin. Vernissage no sábado, a partir das 11h. Entrada franca.

- Teatro Glênio Peres (Loureiro da Silva, 255) recebe peça teatral *A Última Invenção*. Sexta-feira e sábado, 19h, gratuito mediante retirada de ingressos no local.
- Humorista Renato Albani traz *stand-up A Ignorância é uma Dádiva* ao Teatro da Univates (Lajeado). Domingo, 19h, de R\$ 50,00 a R\$ 160,00 no Minha Entrada.
- Cantora e guitarrista Leny Barcellos comemora seu aniversário tocando rock, soul e MPB com os Musicálias no Guernica (Travessa dos Venezianos, 31). Sexta-feira, 20h30min, entrada franca.
- Sábado, às 11h, Gustavo Schosler abre a sua primeira exposição individual no Museu do Paço (Praça Montevideu 10). A mostra *Os Outros* pode ser visitada até o dia 16 de janeiro de 2026, de segun-

da a sexta, das 9h às 17h.

- School of Rock e Prefeitura realizam Halloween POA, festival temático com programação livre para todas as idades. Sábado, a partir das 10h, na Frederico Mentz, 1.600, entre DC Navegantes e o Instituto Caldeira.
- Espetáculo *Corpocidade*, de Gabriel Faryas, em última semana no Teatro Renascença (Érico Veríssimo, 307). Sessões sexta, sábado (ambas às 20h) e domingo (18h). R\$ 25,00 no Sympla.
- BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300) promove Halloween no HotZone, noite dedicada às crianças em celebração ao Dia das Bruxas. Sexta-feira, das 18h30min às 20h30min. Livre.
- CHC Santa Casa (Independência, 75) abre exposição *Memórias Miniaturizadas*, da Cia Gente Falante, sábado, 16h. Visitação gratuita até 30 de novembro, de

segunda a sábado, 9h às 19h.

- Gustavo Finkler e Cristiano Hanssen interpretam sambas dos anos 1930. Sábado, 19h, no Espaço Cuidado Que Mancha (Damasco, 162). R\$ 15,00 via Sympla.
- Sábado, a partir das 9h, o Parque da Redenção recebe a Ecofeira na Semana Lixo Zero, reunindo marcas autorais que atuam de forma sustentável e a partir da economia circular. Livre.
- Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) traz tributo ao Clube da Esquina, sexta-feira, às 21h, R\$ 70,00. Sábado, às 21h, som instrumental com Luizinho Santos e Bethy Krieger, R\$ 40,00 no local.
- Sábado e domingo, às 19h, o espetáculo *Conversa de Cordas* reúne Marcello Caminha, Mathias 7 Cordas e Pedro Franco no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 20,00 no site do Theatro São Pedro.

## reportagem cultural

## Uma trajetória de vários matizes



Além das artes visuais e da publicidade, Joaquim da Fonseca teve longa e marcante carreira como professor universitário

**A**s viradas de página no percurso de Joaquim da Fonseca por diferentes segmentos são um exemplo da máxima de que “uma coisa leva a outra”. Em 1974, a

troca da publicidade pela promessa de um recomeço como professor de Artes Gráficas na Universidade Federal de Santa Maria deflagrou um processo responsável não apenas pela

ampliação de seus interesses pessoais e profissionais, mas também por tornar seu nome conhecido junto a públicos mais amplos. O retorno a Porto Alegre, com sua transferência

para o curso de Comunicação Social da Ufrgs, dois anos depois, seria decisivo na ampliação desse alcance.

Professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Comunicação da

Ufrgs, além de ensaísta e escritora, Maria Helena Weber contribuiu com dois relatos: o de aluna e, depois, colega. “Cursando Propaganda e Relações Públicas, tive aulas de fotografia e outras disciplinas com ele, que encantava as turmas pela gentileza e estímulo a uma visão de mundo sob a perspectiva da arte e na qual éramos protagonistas da experiência acadêmica. O bom humor sempre foi outra marca. Houve uma ocasião em que cheguei atrasada, com o cabelo preso e coberto por um lenço, escondendo os preparativos do penteado para uma festa. Assim que entrei, o Joaquim me escolheu para ser a modelo da nossa sessão de fotos daquele dia”, diverte-se.

A opção pela docência depois do bacharelado simultâneo nos dois cursos acabou por reconduzir Maria Helena à mesma universidade em 1986, dessa vez como professora de Jornalismo Comparado e outros temas. “Foi muito bacana a oportunidade de reencontrar o Joaquim, que continuava a conquistar os alunos com sua sabedoria, simpatia e postura de acolhimento, inspirando tantas gerações de estudantes, dentro e fora, durante e após a faculdade. Também resultou desse novo contato uma grande amizade.”

## Autodescoberta em solo americano

Um grande salto se deu de 1981 a 1983, com uma pós-graduação em Artes Gráficas na Universidade de Syracuse (EUA). A fase norte-americana foi aproveitada ao máximo, num ambiente repleto de estudantes das mais diversas nacionalidades, engajados à generosa oferta de disciplinas e atividades complementares, inclusive em fotografia e pin-

tura, paixões antigas mas relegadas por Joaquim a um segundo plano. Esse cenário de efervescência intra e extraclasse teria desdobramentos responsáveis por uma guinada nos rumos do único brasileiro da turma.

O relato é do próprio, mais de quatro décadas depois: “Participei de um curso paralelo sobre imagens urbanas, ministrado pelo artista local Jerome Witkin, com quem eu queria muito trabalhar. Ele já se dedicava ao uso da tinta acrílica e se encantou ao ver meus trabalhos feitos com o mesmo material, nos quais vi grande semelhança com o estilo da aquarela. Fui então incentivado a aderir a essa técnica e passei a me dedicar exclusivamente, com paisagens urbanas e, quando voltei para casa, também as rurais. Meu foco inicial foi a região da colônia, depois na Campanha, onde tinha vivido a infância. Eu passei a me hospedar com tintas e telas nas fazendas de conhecidos em Alegrete, Uruguaiana, São Borja e Itaqui”.

A coisa começou a ficar séria já nos primeiros tempos pós-Estados Unidos. Apresentado por um ami-

go em comum à dona da Galeria Mosaico, ele ali passou a realizar ao menos uma exposição por ano, sempre com repercussão na mídia e uma clientela cada vez maior de colecionadores particulares que ainda hoje lhe garantem um fluxo contínuo de encomendas, mesmo que a pintura nunca tenha sido seu meio de sustento. Na lista de admiradores está o gestor cultural César Prestes, cuja amizade remonta à segunda

metade da década de 1970, quando sua namorada (depois esposa) e futura jornalista Eleone Prestes estudava Comunicação da Ufrgs:

“A genialidade em brincar entre o figurativo e o abstrato, com traços e manchas de cor sugestivas, fazem suas aquarelas terem vida, como se o espectador estivesse vendo um filme. Em Porto Alegre, Bagé ou Japão, as imagens que o Joaquim produz têm uma capacida-

de especial de retratar o entorno com um olhar sensível para cenários e costumes. O resultado é um ‘carimbo’ que faz dele um artista inconfundível e referência nacional. Não bastasse tudo isso, escreve bem e é um mestre gentil, que divide conhecimento e está sempre apreendendo, inclusive com os jovens. Ele tem ajudado muito minha filha Mariana Prestes na técnica da aquarela”.

Cineasta hoje radicada na Espanha e diretora do documentário *Milton Bituca Nascimento* (2025), a gaúcha Flavia Moraes também guarda na memória afetiva a generosidade de Joaquim. “Quando eu tinha 6 ou 7 anos, meu pai, José Antônio Moraes de Oliveira, era redator na MPM Propaganda e muitas vezes me levava para o trabalho, no início da década de 1970. O Joaquim era diretor de Arte e, sabendo de meu gosto por desenho, não só permitia que eu me sentasse com ele diante daqueles materiais todos, como dava grandes folhas de papel e dicas, além de mostrar trabalhos como o de Saul Steinberg (ilustrador romeno-americano). Foram momentos mágicos”.



Joaquim da Fonseca em 1981, período em que esteve nos EUA



Motivos urbanos (como o Arroio Diluvio) e rurais marcam aquarelas do artista

# Produção literária

Com a aposentadoria pela Universidade em 1996, a pintura dividiu agenda com três desafios: o retorno à publicidade, a retomada da atividade acadêmica e o aprofundamento da atuação no setor editorial. O primeiro se deu com os estúdios Novum (junto a Flávio Cauduro) e Graph Design. De suas criações para clientes variados (Gerdau, Unipampa, Hotel Laghetto), a mais conhecida é a atual logomarca da Ufrgs (1997). Já o segundo se efetivou na coordenação dos cursos de Comunicação na Faccat, em Taquara (1998-2006), e como professor da Uniritter, em Porto Alegre (2005-2009). Ainda sobrou fôlego para ingressar, em 2020, como aluno da Faculdade de Arquitetura

da Pucrs - matrícula trançada aos 88 anos, devido a uma artrose lombar que dificulta a frequência em disciplinas com visitas a obras, dentre outras tarefas práticas.

O terceiro abrange uma bibliografia consistente como autor e coautor. Joaquim, que já havia publicado pela Editora da Universidade o *Glossário de Comunicação Visual* (1990), lançou por outros selos os livros *Caricatura - A Imagem Gráfica do Humor* (vencedor do Prêmio Açorianos de 1999) e *Tipografia & Design Gráfico - Produção de Impressos e*



*Livros* (2008). Junte-se à lista os guias turísticos *Buenos Aires - de Boca a River* (1996), *Roma Católica* (2001) e *Alemanha, Uma Vez* (2023). A boa recepção de público e imprensa foi ainda maior com *Traçando New York* (1991), reunindo crônicas de Luis Fernando Verissimo sobre a cidade e ilustrações do ex-colega dos tempos de MPM Propaganda. Um êxito que se repetiu em outros títulos da série, dedicados a Paris (1992), Roma (1993), Porto Alegre (1994), Japão (1995) e Madri (1997). E ainda há produções inéditas, prontas para sair da gaveta.



Luis Fernando Verissimo, pelo olhar único de Joaquim da Fonseca

# Pincéis e tintas à mão

O jovem senhor Joaquim Tomaz Benício da Fonseca topou sem titubeios a proposta de pintar uma aquarela especialmente para a reportagem em seu apartamento-ateliê repleto de livros, câmeras fotográficas e outros objetos evocativos, no Centro de Porto Alegre. Um CD com gravações de Frank Sinatra na década de 1940 serviu de trilha ambiental para a demonstração de todo o processo, sob gestos tranquilos e mãos firmes, tendo como ponto de partida a fotografia de uma paisagem rural. “A composição artística não difere muito da musical, precisa de ritmo, harmonia, cores que rimam”, comparou, enquanto saciava a curiosidade do observador sobre as mais diversas questões sobre vida e obra - algo parecido com o que ainda faz em

seus eventuais *workshops*.

Calculados ou espontâneos, os traços e manchas de cor resultantes são também poesia visual com a rubrica de um mago que, desde piá, tem encontrado na arte uma forma natural de expressão. “Nunca cansei, apenas fui mudando a técnica”, comentou. O trabalho em si ficou pronto em cerca de duas horas - em breve, deve estar em alguma galeria, pinacoteca ou na parede de um dos incontáveis fãs da sua técnica. Como o médico com quem Joaquim se consultava e que, de posse de uma das obras do paciente, confessou: “Adoro abrir um vinho e sentar diante daquela cena do Pampa gaúcho, que me emociona por relembrar minha infância em um lugar muito parecido”.

# Preservação da memória

Uma boa amostra da produção mais recente de Joaquim da Fonseca pode ser visitada até o dia 30 de novembro no Espaço Cultural Olivas - rua Vereador José Alexandre Benetti nº 1.808, Linha Nova, em Gramado. São 23 aquarelas reunidas em exposição sobre o legado arquitetônico dos imigrantes alemães e italianos que colonizaram a região - algumas das casas onde viveram os colonos ou seus descendentes nem existem mais.

O lote de pinturas foi adquirido em definitivo no início de outubro pela empresa proprietária do Parque Olivas, onde funciona a instituição. Com a palavra, o curador da mostra, César Prestes: “as obras selecionadas sensibilizam o olhar e transcendem o gesto artístico, ao se tornarem documento, herança e narrativa das raízes culturais da cidade. Joaquim da Fonseca é uma espécie de guardião de memórias”.



Aquarelas retratando a Serra Gaúcha estão em exposição no Olivas, em Gramado



**Marcello Campos** é formado em Jornalismo, Publicidade (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há mais de uma década, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: [portonoitealegre@gmail.com](mailto:portonoitealegre@gmail.com)

# nas telas

## Sinais do apocalipse que se aproxima

Para o final de semana de halloween, um dos destaques das telonas é a estreia de *Enterre Seus Mortos*, dirigido por Marco Dutra e estrelado por Selton Mello e Marjorie Estiano. Inspirado no livro homônimo de Ana Paula Maia, o filme narra a rotina de Edgar Wilson, homem encarregado de remover animais mortos nas rodovias da fictícia cidade de Abalurdos. Traba-

lhando ao lado de Tomás, ex-padre excomungado que distribui extrema unção aos seres moribundos que cruzam seu caminho, e com sua chefe Nete (com quem Edgar tem um relacionamento incipiente, além do desejo de fugir da cidade), Edgar vê seu cotidiano tomar rumos inesperados quando sinais de um possível apocalipse começam a surgir ao redor.



Enterre Seus Mortos é atração nacional nos cinemas nesse halloween

## Maratona de halloween no Capitólio

Na sexta-feira, às 23h, a Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085) apresenta uma sessão dupla de clássicos malditos da década de 1960. A sessão começa com *O Parque Macabro*, de Herk Harvey, um filme que se tornou referência no gênero. A obra acompanha Mary Henry (Candace Hilligoss), uma jovem organista que sobrevive a um acidente de carro e decide recomeçar a vida em outra cidade.

No entanto, à medida que tenta se adaptar à nova rotina, passa a ser atormentada por aparições de figuras espectrais e por um misterioso homem que a persegue. O longa será seguido por um filme surpresa, considerado uma das mais singulares e enigmáticas do período. A sessão é uma parceria com a AAMICCA, a Associação de Amigas e Amigos da Cinemateca Capitólio, e tem apoio da mostra A Vingança dos Filmes B.

## Momento dramático da história da Colômbia

Dirigido por Tomás Corredor, o drama colombiano-brasileiro *Novembro* é um relato dramatizado do cerco ao Palácio da Justiça da Colômbia em 1985, combinando elementos fictícios com imagens históricas. Presos em um banheiro por mais de 27 horas durante a tomada

do Palácio, guerrilheiros, juízes e civis enfrentam algo mais devastador que as balas: suas próprias convicções — ou o colapso delas. Fora, o caos. Dentro, uma nação à beira do precipício. Natalia Reyes, Santiago Alarcon e Juan Prada são os principais nomes do elenco.

# palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

|                                                     |                                    |                                   |                                                                    |
|-----------------------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| Tecnologia da biotecnologia Neuralink, de Elon Musk | Insistir em problema já resolvido  | Fileiras; renques                 | Local onde se encontram os restos mortais de Pedro II (Petrópolis) |
| Alimento rico em flavonoides                        | Conquista argentina em 2022 (fut.) | Insignificante (fig.)             | Mosca africana                                                     |
| Sacrifício dos antigos hebreus                      |                                    |                                   |                                                                    |
|                                                     | Direito do dono                    |                                   | Sufixo nominal de "filhote"                                        |
| Retrovírus letal                                    | Piso do bobsled                    | Conjunção que indica alternativa  | Órgão de visão de certos insetos                                   |
| Corrida de carro (gíria)                            |                                    | Amalucado; apatetado (bras. fig.) |                                                                    |
| A primeira oração do rosário (Catol.)               |                                    | Alojamento de tropas              |                                                                    |
| Fica maluco                                         |                                    |                                   |                                                                    |
| Quarto, em inglês                                   |                                    | Interjeição que exprime dor       | Número atômico do hidrogênio                                       |
|                                                     | "Favo de (?)", hit do filme "Rio"  | Demonstração ostensiva de mágoa   |                                                                    |
| "(?) to Be my Baby", sucesso do Bon Jovi            |                                    | Rotação por Minuto (abrev.)       | Símbolo da festa de Parintins (AM)                                 |
|                                                     | Bens da noiva                      |                                   | Pintor holandês de "A Carroça de Feno"                             |
|                                                     | O clarão noturno                   | Bancar o "voyeur"                 |                                                                    |
|                                                     |                                    | Seu símbolo é Er                  |                                                                    |
|                                                     |                                    | Ímpio                             | (?) - fé: caracteriza o sofisma (Filos.)                           |
|                                                     |                                    | Aplico a chapinha no cabelo       |                                                                    |
| A cor azul dos brasões                              |                                    |                                   | Associação Cristã de Moços                                         |
| Poeta que teve Beatriz como musa                    |                                    |                                   |                                                                    |
| Pedraço de pau em forma de "Y"                      |                                    |                                   |                                                                    |

BANCO 4/blau — born — room. 5/bosch — ocelo. 12/chip cerebral. 8

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

COQUETEL

|         |   |   |   |   |   |   |   |   |   |  |  |  |
|---------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|--|--|--|
| Solução |   |   |   |   |   |   |   |   |   |  |  |  |
| A       | H | T | I | U | D | R | O | F |   |  |  |  |
| M       | C | A | V | E | N | V | D |   |   |  |  |  |
|         |   |   |   |   |   |   |   |   |   |  |  |  |
| O       | S | I | T | V |   | U | V | T | R |  |  |  |
| I       | B | R | E | O | T | H | V | R |   |  |  |  |
| B       |   | E | T | O | D | T | R |   |   |  |  |  |
|         | M | P | N |   |   |   | B |   |   |  |  |  |
| O       | U | M | V |   | U | M | E | L |   |  |  |  |
| L       | I | U | M | O | O | R |   |   |   |  |  |  |
| E       | C | U | N | O | T | N | E |   |   |  |  |  |
| O       | S | E |   | O | D | E | R | C |   |  |  |  |
| O       | T |   |   | V | G | E | P |   |   |  |  |  |
|         | E | S | S | O | P | A | I | H |   |  |  |  |
| O       | S | U | V | C | O | T | O | H |   |  |  |  |
| T       | E | A | T | O | C | O | H | C |   |  |  |  |
|         |   | M | A |   |   |   | C |   |   |  |  |  |

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

**Áries:** Dia de inspiração e contato com as camadas mais elevadas da mente. As atividades sociais e culturais serão fonte de grandes revelações e ideias.

**Touro:** Mergulho no oceano da mente, em seus aspectos insondáveis e inconscientes. Desse mergulho poderá retornar com algo concreto e útil, e voltado para o trabalho profissional.

**Gêmeos:** Você pode conhecer muito mais das pessoas e do mundo à sua volta. As melhores possibilidades de certa união ou parceria podem se revelar neste dia.

**Câncer:** O apoio material ou mágico é decisivo para acelerar seu trabalho e fazer com que ganhe nova dimensão. Assim, o trabalho rende resultados inesperados e positivos.

**Leão:** Mercúrio em bom aspecto com Plutão torna você bastante magnético e atraente nas relações. Um encanto especial e revelador acontece na relação com a pessoa amada.

**Virgem:** Talvez algo seja descoberto ou revelado nas relações familiares, criando até algum alívio. A sensibilidade emocional tende a trazer alguma forma de irritação.

**Libra:** Você se aproxima das pessoas em sua face mais encantadora e magnética. As palavras podem causar um impacto revelador. Mesmo assim, alguma tensão surge entre vocês.

**Escorpião:** Mercúrio em bom aspecto com Plutão torna você mais atraente e magnético, ainda mais para os negócios e questões materiais. Pode conseguir uma proeza nestes assuntos.

**Sagitário:** A argúcia mental e compreensão podem ser assombrosas, realizando uma descoberta especial. No trabalho, a alta percepção tende a perturbar, apesar de também ajudar.

**Capricórnio:** Você pode descobrir aquilo que antes estava escondido nos assuntos financeiros. Um bom dia se for atuar como detetive ou psicanalista, inclusive melhorando sua saúde.

**Aquário:** Uma forte ligação de amizade tende a ser o fato importante. Na vida doméstica, a quebra de ritmo pode ser prejudicial, mas, em parte, inevitável. Procure não se dispersar demais.

**Peixes:** É na atividade profissional que um grande segredo pode se revelar. Conheça em profundidade o assunto com o qual trabalha, e essa revelação será ainda maior.



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Gay Talese em sua melhor forma

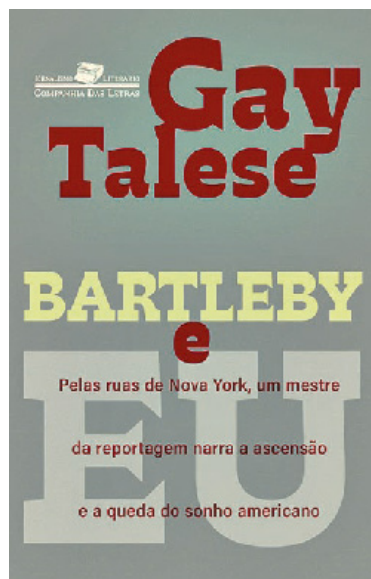
O lendário e incomparável jornalista e escritor Gay Talese nasceu em 1932 em Ocean City, Nova Jersey, e há mais de sete décadas exerce seu ofício em Nova York. É um dos principais e mais premiados jornalistas mundiais. *Bartleby e eu* (Companhia das Letras, 336 páginas, R\$ 99,90), traz ficção com tons memorialísticos, uma reportagem sobre Frank Sinatra e um texto inédito sobre episódio estranho em Manhattan. Foi lançado há pouco e mostra um dos criadores do novo jornalismo, ou jornalismo literário, em ótima forma. Pela Companhia, Gay já lançou os livros *Honra teu pai*, *A mulher do próximo*, *O voyeur*, *Vida de Escritor*, *Fama & Anonimato* e *O reino e o poder*.

*Bartleby e eu*, texto que dá título à obra e que é a primeira parte, tem como fio condutor o genial conto *Bartleby, o Escriturário*, de Hermann Melville, autor de *Moby Dick*. A partir do conto, Talese reconstitui sua tra-

jetória como narrador de vidas comuns. Na contramão da imprensa, prefere o anônimo à celebridade, o simples ao grandioso, o trivial ao extraordinário.

A segunda parte do volume, em forma de reportagem, traz a famosa entrevista que Talese fez com Frank Sinatra, sem encontrar ou conversar com o astro. Talese ficou um mês em Los Angeles tentando ser recebido por Frank. Tomou chás de cadeira por causa da agenda e de um resfriado do cantor e encontrou a célebre saída: traçou o perfil de Frank sem falar com ele. Usou retratos de anônimos que o cercavam e batizou o texto de *Frank Sinatra está resfriado*. O texto é um dos mais famosos do *new journalism* e escancara o fascínio de Talese, mestre em contar histórias, pelos invisíveis mesmo ao tratar de celebridades.

A última parte da obra é uma reportagem inédita, *O Brown-stone do dr. Bartha*, que mostra a trajetória insólita de



um médico imigrante que preferiu explodir-se com o predinho em que vivia a dividir a propriedade com a ex-esposa. A imprensa sensacionalista se fartou com o caso, Talese deu-lhe justa densidade trágica.

Talese disse: "Nova York é uma cidade de coisas despercebidas". Não para ele, claro.

## e palavras...

### DE QUE AMBIENTALISMO ME HABLAS?

Existe ambientalismo sério e científico, baseado em dados do IPCC da ONU, universidades e centros de pesquisa confiáveis, e ele não costuma mentir. Ele alerta sobre aquecimento global, desmatamento, perda de biodiversidade e poluição e geralmente está respaldado por medições e consenso científico.

Já o ambientalismo ideológico - ou midiático, em alguns casos - pode cair em exageros retóricos, simplificando dados complexos, escolhendo exemplos extremos ou omitindo incertezas. Ele é acusado de ser alarmista, especialmente quando sua intenção é mobilizar emoções ou apoio político, mais do que informar com precisão.

Temos exemplos históricos dos dois tipos, como o buraco na camada de ozônio (anos 1980) e o aquecimento global e aumento de eventos extremos, que mostraram-se ambientalismo sério. Quanto a desmatamento amazônico e perda de biodiversidade, algumas previsões não foram confirmadas.

Exemplos de ambientalismo com alertas exagerados ou mal comunicados: "a terra vai congelar em 2000" (anos 1970); o petróleo vai acabar em 30 anos (décadas de 1970-80); o mar vai engolir cidades inteiras em vinte anos (anos 1990). No primeiro caso, mau uso da ciência e de imprensa alarmista. No segundo, erro de previsão por simplificação. No terceiro, problema de prazo e dramatização.

*Guia Politicamente Incorreto do Meio Ambiente* (Avis Rara, 256 páginas, R\$ 55,00), de Leandro Narloch, mestre em filosofia pelo Birkbeck College, University of London, jornalista, escritor e criador da série de *Guias Politicamente*

*Incorretos*, ex-editor da revista Superinteressante, repórter da Veja e colunista de Crusoé, Folha de São Paulo e Gazeta do Povo, é um deboche fundamentado do ambientalismo alarmista e vem em momento oportuno: a COP30. Leandro alerta para os discursos sem conteúdo e ação, dados sobre petróleo e Índia e outras questões que, para ele, podem tornar a COP o Oscar do narcisismo climático.

Os guias politicamente incorretos de Leandro sobre História, Economia e Política brasileiras já venderam mais de um milhão de exemplares e claro que enfureceram ativistas e historiadores militantes.

Neste guia para buscarmos um pouco mais de informação o autor fala de petróleo, de como pensam os ambientalistas sobre o "efeito CNN", analistas de ESG e obsessão com o Apocalipse. O autor fala da Amazônia e acha que a mineração industrial é um bom caminho para protegê-la. Na obra, o autor fala das vantagens ambientais do plástico, de ficções climáticas, dos mercadores do fim do mundo, de verdades sujas sobre o lixo, de choque de realidade, de justiça climática e para onde vai o dinheiro dessa justiça. Neste capítulo o autor fala sobre como os países ricos evitaram o apocalipse.

Com base em muitas pesquisas e leituras, o autor mostra que nem tudo está errado e que a mecanização do campo, a mineração, as cidades e a indústria não podem ser vistos de modo maniqueísta. Para ele, é possível admirar os avanços e a civilização ocidental e, ao mesmo tempo, dar atenção ao meio ambiente, sem mentiras, falácias, alarmismos interesseiros e exagerados.

## lançamentos



► **A Mesa da Sala** (Literarte, 66 páginas), de Maria Rosa Fontebasso, Doutora em Educação pela Ufrgs e professora universitária aposentada, traz contos com inspiração em sua origem italiana, envolvendo personagens, cenários e histórias pungentes da rica e importantíssima imigração italiana no RS, que completou 150 anos em maio passado.



► **O Dia D de Churchill – A história dos bastidores** (Planeta do Brasil, 336 páginas, R\$ 109,00), de Allen Packwood, arquivista do acervo de Churchill Archives Centre, e do general Richard Dannatt, oficial sênior aposentado do Exército Britânico e ex-chefe do Estado Maior, traz as complexidades de Churchill, a força de sua liderança e o planejamento certo da maior operação terrestre, aérea e naval já executada.



► **A máquina que pensa** (Editora Intrínseca, 272 páginas, R\$ 54,00), de Stephen Witt, matemático, jornalista e escritor, traz a ascensão extraordinária da Nvidia e de seu visionário CEO, Jensen Huang, que criou o microchip mais cobiçado do mundo. Como uma fabricante de videogames se transformou na força motriz da revolução da inteligência artificial?

## a propósito...

Narloch, no final do livro, diz que o ambientalista típico não costuma se entusiasmar com os termos 'progresso' e 'riqueza', mas que deveria. Para ele, justamente isso protegeu as pessoas contra os caprichos da natureza. O autor fala em construir o futuro sem medo, com progresso, criatividade e abundância. Diz Narloch que o

melhor que podemos fazer para nos proteger das ameaças e das injustiças do clima é enriquecer - e deixar os outros enriquecerem. Ciência, verdade, desenvolvimento sustentável e cautela com alarmistas e pessoas que faturam com retórica política, partidária e midiática é o que precisamos.

(Jaime Cimenti)

## pensando cultura

# “É uma história sobre paixão”, afirma Irandhir Santos, protagonista de série sobre a Coligay

Jamil Aiquel

No auge da ditadura militar, o Rio Grande do Sul foi palco de uma das maiores demonstrações de força e resistência na história do futebol brasileiro. Essa é a história da Coligay, uma torcida organizada do Grêmio composta exclusivamente por homossexuais, que marcou época entre os anos de 1977 e 1983, e é amplamente creditada como a primeira torcida LGBTQIAPN+ do Brasil.

Essa manifestação histórica vai virar uma obra audiovisual. Assinada pelo Canal Brasil, a minissérie *Coligay* vem sendo gravada na capital gaúcha desde o início de outubro, com produção da Ventre Studio, Casa de Cinema de Porto Alegre e +Galeria. Na tarde da última terça-feira, a equipe de reportagem do **Jornal do Comércio** visitou o set de gravação do projeto e conversou com profissionais envolvidos na produção, incluindo o diretor e o ator principal da obra.

Dirigida por Paulo Machline, e com o roteiro escrito por Patrícia Corso, Raul Perez, Fernando Américo e Luiz Filipe Noé, a minissérie *Coligay* contará com a presença do ator Irandhir Santos, conhecido por trabalhos na novela *Renascer* e no filme *Tropa de Elite*. Ele foi escolhido para

representar um dos protagonistas da história, o personagem Ramon, inspirado em Volmar Santos, fundador da torcida em 1977.

Machline, diretor da minissérie, contou que foi convidado pela produtora Ventre Studio para fazer parte do projeto. Amante do futebol, ele afirma que participar de algo como a minissérie da Coligay foi um “presente”, pois o permitiu entender e enxergar a importância da torcida como um relevante ato de resistência.

“Para mim, a Coligay é um ato político revolucionário. Estamos em 2025 e, em alguns aspectos, as coisas estão regredindo. Os direitos adquiridos, que esses grupos de resistência conseguiram durante tantos anos de luta, em diversos pontos do mundo, ou estão regredindo de fato, ou existe uma força contrária tentando revertê-los. Então, acho que olhar para iniciativas como a Coligay é uma chance que temos de mostrar um dos lugares onde essa luta começou e o quanto ela é importante para que nós, como seres humanos, consigamos ter o direito de ser quem somos”, destacou Machline.

A história da Coligay é bastante famosa e bem documentada. O diferencial desta versão,

no caso, é que será uma série fictícia inspirada nos personagens históricos. Machline destaca que a principal inspiração de sua obra foi o livro *Coligay: tricolor e de todas as cores*, escrito por Léo Gerchamnn, que, apesar de ter uma estrutura documental, o apresentou diversos personagens interessantes.

A ideia central, então, é trazer esse universo à vida, contando a história dessas pessoas que, segundo ele, possuem personalidades muito marcantes, explorando os dramas e o arco de cada personagem individualmente, para poder contar a grande história da torcida.

“Volmar, que foi o líder da Coligay lá nos anos 1970, é um personagem fantástico. É daquele tipo de personagem que, na ficção, tem 1 milhão de camadas e que pode ser trabalhado de muitas formas saborosas no sentido da ficção, do drama, da comédia. Me lembra muito o universo do (diretor espanhol Pedro) Almodóvar. Queremos contar um pouco da história de cada uma dessas pessoas. Cada personagem tem seu arco, contamos várias histórias para poder contar uma grande história”, destacou.

Outro que destacou a importância da obra foi Irandhir Santos. Torcedor fanático do Sport

Recife, o ator é um homem gay que vive o futebol em sua plenitude. Por conta dessa vivência, ele entende a importância de uma obra como Coligay.

“Sou gay e amo futebol. Vou ao estádio, vibro com a vitória do meu time, me entristeço com as derrotas, mas me dói demais deixar o campo ao som de cantorias homofóbicas geradas por essa atmosfera masculina, heteronormativa e machista, que ainda, infelizmente, predomina. Mas, ao mesmo tempo, isso me serve como motor, como incentivo para fazer essa história, porque acho que a importância de se contar sobre a Coligay hoje em dia está nisso mesmo, para que sirva de parâmetro. Para que a gente perceba que, há quase 50 anos, existia uma torcida gay, que ia para o campo em busca de sentimento de pertencimento a um espaço democrático, que deve ser o esporte”, ponderou Santos.

Assim, o ator conta que se preparou para o papel pesquisando sobre tudo que podia sobre a histórica torcida. Além disso, ele conversou com algumas pessoas de Porto Alegre que lhe deram retornos interessantes sobre aquela época. Um aspecto crucial da preparação foi a imersão em Porto Alegre, tentando entender as memórias da Coli-

gay que ainda permanecem na Capital e como acessá-las.

Assim, durante a gravação da série, Irandhir Santos afirma que trocou o rubro negro de seu amado Sport e passou a representar o tradicional azul, preto e branco do tricolor gaúcho. Neste período na capital gaúcha, o ator afirma que já visitou a Arena do Grêmio “pelo menos cinco vezes”, e descreveu a experiência como contagiante.

“Essa história é sobre paixão. Sobre alguém que era apaixonado pelo futebol e que resolveu fazer um grande movimento em relação a isso. E só é possível acessar essa paixão quando você entra numa arena, no momento em que você torce junto com o pessoal. Nosso elenco foi muito bem recebido pela torcida Tribuna 77. Chegamos meio acanhados no estádio e, de repente, ouvimos o hino da Coligay. Foi um momento muito emocionante. Imagina você ouvir aquilo no estádio, em pleno jogo do Grêmio. É uma mistura onde a ficção e a realidade te envolvem e você apenas abre os poros, para receber isso e tornar isso material para o seu trabalho”, lembrou Santos.

Por fim, o ator reforçou o caráter político do projeto. “O ato de coragem do Volmar e seus amigos em montar essa torcida em plena ditadura, adentrar nesse mundo tão preconceituoso que é o futebol, e se expressar a sua maneira por pura e simplesmente paixão pelo seu time, isso já é por si só um ato político. É um ato que gera as discussões de pertencimento, de direitos, de busca por igualdade, de respeitabilidade, da liberdade que o outro tem para se expressar. A partir desse ponto inicial, da coragem dessas pessoas formadoras da Coligay, o processo político todo se desenvolve até hoje”, afirmou o ator.

A série ainda não tem previsão de lançamento. O set conta com cerca de 87 funcionários fixos, entre elenco e produção, além de figurantes, e as gravações seguem até 6 de novembro. O projeto contou com apoio institucional do Grêmio, que autorizou o uso da imagem, além de permitir a gravação de algumas cenas no pátio do antigo Estádio Olímpico Monumental.



Filmagens de série inspirada em pioneira torcida LGBTQ+ do Grêmio visitam lugares simbólicos, como o pátio do antigo Olímpico, e vão até 6 de novembro